

CANAL LIVRE

Ricardo Salgado e Jordi Pujol



JOÃO MARCELINO
Jornalista

1 A queda de Ricardo Salgado, com tudo aquilo que já se sabe e o que se pode intuir a partir dos últimos resultados apresentados pelo BES, é um terramoto financeiro. Na conjuntura de há um ano, quando os grandes fundos mundiais ainda não tinham começado a regressar à Europa, por desconfiança em relação aos anteriores apetecíveis mercados emergentes, as perdas bolsistas do setor financeiro seriam com certeza mais violentas. Ainda assim foram o que foram. E agora resta esperar que a Justiça faça caminho e haja consequências para a desobediência de Ricardo Salgado às indicações do Banco de Portugal de não comprometer o BES com mais exposição à catastrófica situação das empresas não financeiras do grupo. Como se sabe agora, mais de três mil e 500 milhões de euros depois, não terá sido esse o caminho escolhido pelo ex-presidente do BES, que motivou um comunicado de Carlos Costa com um tom de que não há memória. Se se confirmar essa desobediência, cujo preço os acionistas, sobretudo os pequenos, já estão a pagar nas suas poupanças, será tempo de a Justiça por-

tuguesa intervir tão prontamente quanto a da Catalunha o está a fazer em relação a Jordi Pujol.

2 O caso Pujol é digno de um filme, porque à circunstância pessoal (de honorabilidade, como pode vir a ser o caso de Ricardo Salgado) junta um caldo de emoções sociais e nacionalistas, num período sensível, quando a Catalunha tem marcado para o final do ano um referendo independentista.

Conhecem-se os contornos do escândalo. Fez agora uma semana que Pujol, presidente da região por 25 anos, o homem que guiou Barcelona nos Jogos Olímpicos de 1992 e a Catalunha num período de assinalável crescimento que fez recrudescer o sentimento a favor da independência, assumiu que tinha fugido ao fisco com contas no estrangeiro. A originalidade da confissão decorre do ressabiamento de uma amante do filho mais velho (são sete), que entretanto também já se demitiu de cargos políticos em que tinha subido mais depressa à conta do nome do pai. Ela tê-lo-á visto carregar malas cheias de notas de 500 euros a caminho de fins de semana em Andorra e fez-lhe companhia em viagens a zonas de paraísos fiscais. Disse-o à polícia. Em três dias úteis, Pujol, o pai, perdeu todas as regalias vitais e os cargos honorários que tinha no partido e no Governo. Perdeu, sobretudo, o título de honorável, que sempre lhe antecedia o nome em cerimónias públicas, nas quais nunca mais terá entrada. Por todo o lado, as suas fotos são retiradas das paredes. Passou a ser um mau exemplo.

Seguiram já diligências rogatórias para Andorra e para a Suíça. A fortuna de quatro milhões que alega ter recebido da família está a ser investigada porque as autoridades fiscais detetaram a entrada de 3,4 milhões em Andorra só entre 9 de dezembro de 2010 e 4 de janeiro de 2011. Segundo a polícia, a numerosa família Pujol terá movimentado 500 milhões de Andorra para a Suíça.

Um caso de investigação para alguns anos e que deixou a Catalunha fragilizada perante o Governo de Madrid a três meses do referendo, que é ilegal à luz da lei do reino, como na quarta-feira sublinhou Mariano Rajoy perante Artur Mas.

3 Os casos de Ricardo Salgado e Jordi Pujol, cada qual à sua dimensão, remetem-nos para a natureza humana e para o sentimento de poder incontrolado, para a necessidade permanente das sociedades se aprimorarem nos seus mecanismos de controlo, seja ele de natureza individual ou empresarial. E encerram um ensinamento para os que não de vir a seguir: está cada vez mais difícil enganar toda a gente e durante todo o tempo, toda a vida.

A corrupção, o tráfico de influências, a gestão danosa, o crime, não são um exclusivo de nenhuma sociedade, como a portuguesa, tão sonsamente moralista, gosta de pensar que é. Estes casos

existem por todo o mundo. Gente influente, "poderosa", que, um dia, de tanta rotina na gestão e nas ordens, tende a considerar que tem direito ao património das empresas, das instituições, dos valores que transitoriamente gere. Os mecanismos mentais humanos fazem o resto. E um dia, na companhia da idade, aparece a investigação.

“
A corrupção,
o tráfico
de influências,
a gestão danosa,
o crime,
não são um
exclusivo de
nenhuma
sociedade”

Esperemos que no caso de Ricardo Salgado o apuramento de responsabilidades vá até ao fim e que se tire um grande ensinamento: um grupo empresarial construído à volta de um banco só pode ser para atuar em negócios

que o banco não pode fazer diretamente. Gera concessão de crédito sem racional empresarial. Acumula gestores "amigos". Promove o amiguismo e não o profissionalismo. Os bancos existem, apenas, para gerir bem o dinheiro dos outros. O nosso. E emprestá-lo a quem prove que o merece ter para fazer crescer projetos inteligentes. Fazer o contrário acaba sempre mal porque há sempre um problema no dia em que deixa de haver a palavra lucro.

Há um ano, com este caso do BES, a recaída da Argentina, as crises na Ucrânia e em Israel/Palestina, as consequências nos juros das dívidas soberanas europeias seriam diferentes. Substantivamente, as coisas mudaram. Para melhor.